

Quando se é garoto, é normal buscar referências masculinas para se inspirar. No entanto, os mais jovens têm encontrado no caminho modelos ultrapassados, identificados, sobretudo, por odiar mulheres. Livrar a nova geração desses preceitos pode ser a resposta para interromper um ciclo geracional de misoginia

POR EDUARDO FERNANDES

É na mesa de bar ou em um encontro qualquer para assistir a uma partida de futebol que alguns homens podem se desfazer de suas máscaras sociais. Essas que, geralmente, escondem o que de fato são quando estão perto de mulheres. Nesse recinto, podem explorar uns com os outros as piores partes de si — que talvez eles nem consideram ruins. Assim, como um rito geracional, essa tradição também acompanha os mais novos, em um claro efeito colateral daquilo que o universo masculino adora em sua própria essência. Mas, diferentemente dos antepassados, é na internet que a juventude se sente à vontade para compartilhar preceitos misóginos.

Disfarçado de opinião, o ódio nessa terra supostamente livre é uma ação comum para quem está hiperconectado. No dedilhar das telas, o algoritmo pode ser cruel, induzindo aqueles que pouco sabem do mundo a pensar que deveriam ser mais “machões”, mesmo que ainda tenham, por baixo, entre 13 a 18 anos. Talvez os mais novos não tenham noção, mas discursos como esse, que colocam os homens em um pedestal de adoração, são os que podem se converter em violências, tanto verbais quanto físicas.

Isso, de certa forma, ficou evidente na série do momento. *Adolescência*, criada pela Netflix, fala sobre bullying, redes sociais e, sobretudo, misoginia — já que o personagem principal, Jaime Miller, 13 anos, é acusado de matar uma colega de escola a facadas. A trama, claro, é emocionante, impactante e gera desconforto para quem desconhece o submundo das redes sociais e das comunidades que espalham ódio em seus códigos próprios e individuais.

O que é serhomem?

